

Gerald Thomas ganha prêmio na Dinamarca apenas com ensaios

Espectáculo do diretor é escolhido o melhor de 1995 na terra de Hamlet antes mesmo da sua estréia

Luiz Fernando Vianna

Há algo de inédito no reino da Dinamarca. O novo espetáculo de Gerald Thomas, que estréia amanhã, recebeu na semana passada o Prêmio de Cultura Copenhague como o melhor de 1995 na terra de Hamlet. Deu a louca no calendário, porque os jurados do prêmio pediram a Gerald em dezembro para assistir a três ensaios de "Chefe faca-de-peixe e o assombrador espírito do seu arqui-inimigo Kriptopênis".

O título não assustou o júri, que encarou os ensaios como o que de melhor aconteceu em 1995 nos palcos dinamarqueses. Segundo os jornais locais, a decisão não tem precedentes na história do prêmio.

Montado com a Companhia Doutor Dante, da Dinamarca, o espetáculo brinca com mitos da cultura pop americana, como os índios de faroeste e o Super-Homem, que é o protagonista.

Clark Kent, a identidade secreta do super-herói, está mais humano do que nunca: tem um momento de impotência sexual e outro que também não combina com a sua

imagem tradicionalmente masculina.

— A foto de divulgação do espetáculo mostra uma cena em que ele é curado por uma índia — conta Gerald, de Copenhague.

Os super-heróis, assim como os caubóis, não têm mais noção do que combater. Os heróis estão se humanizando e se tornando o Mel Gibson, o Arnold Schwarzenegger, homens envolvidos com a complexidade urbana, que não vestem malhas azul e vermelha. É uma mitologia realista. O espetáculo fala de uma sociedade que não cria mais mitologias, desse aspecto da modernidade.

Além do Super-Homem, estão no espetáculo Lois Lane, a paixão de Clark Kent, e James Bond, o agente 007. Gerald planeja fazer deste trabalho a primeira parte de uma trilogia chamada "West Union", dedicada aos ícones da cultura pop americana, cuja fragmentação característica é a

maior referência do diretor, segundo ele mesmo.

Nos dias 27, 28 e 29 de março, durante o Festival de Curitiba, ele faz um *workshop* com a sua Cia. de Ópera Seca para mostrar o início da construção da segunda parte da trilogia, que será dedicada aos caubóis.

— Será um espetáculo para a mulher que a gente ama, porque os caubóis só são caubóis para as mulheres que amam — diz o diretor. — Para os outros, são homens mal vestidos, cheirando a cavalo. Acho engraçado quando as mulheres se dizem objetos. Não vêem que os homens representam para elas.

Essa segunda parte estreará em Copenhague no segundo semestre e chegará a São Paulo em 23 de setembro. A parte feita com a Doctor Dante — que será trazida para São Paulo em outubro, dentro de uma turnê que inclui nove países — mostra um embate

vazio entre Super-Homem e o Kriptopênis.

— Os dois são criminosos no espetáculo — diz Gerald. — Eles sempre chegam nos lugares ao mesmo tempo e, em vez de lutarem contra males comuns, lutam

entre si. Os males seriam a Bósnia, o assassinato de Rabin, mas eles não são mais chamados para isso.

A Doctor Dante se tornou a mais prestigiada companhia de teatro de jovens da Dinamarca em 1992, quando passou a ocupar o Teatro Aveny, um dos mais tradicionais do país. Além de ceder o prédio, o governo destina uma verba anual à companhia.

A terceira parte da trilogia só deverá ser feita em 1998. Mas, neste ano, Gerald ainda montará a ópera "Tristão e Isolda", de Wagner, numa co-produção Berlim-Weimar-Dresden-Copenhague. No segundo semestre, deve iniciar sua parceria com o Teatro Cricot 2, a companhia criada pelo lendário encenador Tadeusz Kantor, morto em 1990. E ainda promete estreiar como coreógrafo trabalhando com Ismael Ivo, bailarino brasileiro radicado na Alemanha. ■



ATORES DA DOCTOR Dante vivem o Super-Homem (à esquerda), índios e outros mitos pop em "Chefe faca-de-peixe"

Dorotéia

Farsa de Nelson enfim é reconhecida

Barbara Heliodora

TEATRO
CRÍTICA

Nem sempre se pode acreditar literalmente no que um autor diz a respeito de suas próprias

peças, mas não há dúvida de que andaram mais do que certos os diretores Adriano Guimarães, Fernando Guimarães e Hugo Rodas ao "levar a sério" a definição que Nelson Rodrigues deu à sua "Dorotéia: uma farsa irresponsável em dois atos".

Levada a sério realmente, como já tem sido feito e proposto, "Dorotéia" é um desastre constrangedor, mas a atual encenação em cartaz no Teatro Ipanema, originária de Brasília, tem o tom certo nos aspectos principais da obra.

A cenografia, responsabilidade dos três diretores, é reduzida a um grupo de cadeiras com rodas que, de costas, servem como genuflexórios — postura crítica perfeita para as beatas frustradas, prisioneiras de seu fascínio pelo pecado.

Os figurinos de Lino Villaventura são não só muito bonitos como também sugestivos (com destaque para o de Das Dores), tudo muito bem iluminado por Guilherme Bonfante.

A produção da montagem não consegue, é verdade, resolver todos os problemas do texto de "Dorotéia": no terceiro ato Nelson se complica a tal ponto com a gratuita história da segunda maternidade de d. Flávia, que ninguém é capaz de fazer sentido com aquilo, nem ao menos como farsa; e a intromissão do clima de carnaval, imaginada pelos diretores, na verdade não faz qualquer contribuição positiva. Mas o acerto básico com o clima de claustrofobia e maledicência é realmente primoroso.

As atrizes Denise Milfont e Nádia Carvalho sustentam bem o conflito entre Dorotéia e d. Flávia (esta última destila mesquinhez e maldade) e são bem apoiadas por Shala Felippi Rosado Nunes e Regina Rodrigues, com destaque para a Das Dores de Adriana Nunes, um delicioso misto de curiosidade sexual e hipocrisia, com uma hilariante noite de núpcias.

Nelson Rodrigues deve, lá por onde anda, estar muito aliviado por alguém ter comprovado, finalmente, que ele sabia o que dizia ao batizar de farsa a sua "Dorotéia". ■